

**Importações provenientes da Rússia crescem 89% no ano**

**Comércio exterior** Vendas crescem 89% até abril, sob efeito de fertilizantes mais caros e maior demanda

# Mesmo em guerra, Rússia é quinto que mais exporta ao Brasil

Marta Watanabe e Álvaro Fagundes De São Paulo

A importação brasileira de produtos russos se acelerou neste início de ano num ritmo muito maior que do total das compras externas. Com isso, os russos, mesmo em guerra com a Ucrânia, galgaram postos e passaram a ser, de janeiro a abril, o quinto país que mais vende ao Brasil em igual período do ano passado, estavam na 12ª posição.

A China ainda lidera com folga o fornecimento de produtos ao Brasil de janeiro a abril deste ano, seguida logo depois pelos Estados Unidos. Alemanha e Argentina vêm depois dos americanos. A Rússia, em quinto, vendeu ao Brasil total de US\$ 2,4 bilhões no primeiro quadrimestre de 2022, praticamente empatada em valor com a Índia, em sexto. Em relação ao ano passado, os russos deixaram para trás países como Coreia do Sul, México e Japão.

As compras brasileiras da Rússia cresceram 89% de janeiro a abril deste ano em relação ao mesmo período de 2021. No geral, as importações brasileiras subiram 28% nessa mesma comparação. O ritmo mais acelerado das compras com origem na Rússia fez o país galgar postos no ranking dos países que fornecem ao Brasil. Os dados são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/ME).

Especialistas apontam que a posição atual da Rússia entre os cinco maiores fornecedores do Brasil não é permanente, mas resultado de um cenário que veio com a pandemia e foi exacerbado pela guerra entre Rússia e Ucrânia. Descompasso entre oferta e demanda, gargalos logísticos e recuo de escassez de produtos levando preços de commodities e insumos à alturas compõem cenário.

Sob efeito parecido com o da Rússia, a Arábia Saudita também subiu da 17ª posição para o décimo lugar no ranking. No comércio com os sauditas, a principal influência foi o petróleo bruto, que representou 69% do que o Brasil importou deles de janeiro a abril. Com influência da alta das cotações da commodity, o valor importado em petróleo da Arábia Saudita aumentou 206% nos quatro primeiros meses deste ano na comparação com iguais meses do ano passado.

No caso da Rússia, a "cesta" brasileira do que compramos de produtos russos também ajuda a explicar a maior importância do país como fornecedor externo, ao lado do robusto setor agrícola brasileiro. Os adubos ou fertilizantes químicos são o componente principal do que importamos de janeiro a abril dos russos e ocupam 70% da cesta. Outros 15% ficam para o carvão enquanto óleos combustíveis de petróleo respondem por 7,1%.

A Rússia é um dos maiores exportadores globais de fertilizantes e adubos. De janeiro a abril os russos nos forneceram US\$ 1,65 bilhão nesses itens, com alta de 142% contra iguais meses de 2021. O valor representou um quarto do que o Brasil importou desses insumos.

A alta no valor foi influenciada por preços e por antecipação de compras. Os preços dos fertilizantes importados pelo Brasil saltaram 130,7% em abril contra igual mês do ano passado. O dado é da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/ME) e vale para todo o fertilizante que importamos nesse mês, mas o insumo que veio da Rússia também ficou mais caro. Dados da MacroSector mostram que o preço dos fertilizantes russos que o Brasil importou no primeiro trimestre de 2022 subiu 149% contra iguais meses de 2021.

Fábio Silveira, sócio-diretor da

consultoria, diz que o salto reflete uma alta de preços que aconteceu já desde o decorrer de 2021. Sob efeito da pandemia, adubos e fertilizantes ficaram mais caros em razão de aumento de demanda, escassez de oferta e gargalos logísticos. A guerra, que eclodiu em fevereiro deste ano, trouxe temor maior ainda pela falta do insumo.

Ao divulgar os dados da balança comercial de abril, o subsecretário de Inteligência e Estatísticas de Comércio Exterior da Secex, Herlon Brandão, explicou que, de acordo com levantamento do órgão, os produtores agrícolas anteciparam a aquisição desses insumos, provavelmente por receio de desabastecimento, agora já sob influência da guerra no Leste Europeu. O usual, explicou ele, é a importação desses insumos aumentar no segundo semestre do ano.

Silveira lembra que a robusta produção agrícola no ano passado criou uma espécie de "euforia" no setor em relação às perspectivas de 2022. A receita agrícola em 2021, diz, alcançou R\$ 893 bilhões, alta de mais de 50% contra o ano anterior. Capitalizados, com expectativas altas para este ano e com temor de escassez de insumos, os produtores adiantaram as compras de fertilizantes e defensivos, conta.

Questões climáticas, lembra, levaram mais tarde a uma reavaliação da safra de 2022. Ainda assim, safas importantes, como a de grãos, exemplifica, devem ter aumento de volume de cerca de 3%, estima. Silveira lembra que adubos e fertilizantes em importação agora deverão ser usados para a safra do próximo ano, já que a deste ano já está plantada.

José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), diz que os preços devem continuar pressionados e não há perspectiva de ajuste maior tanto em fertilizantes

**Comércio entre Rússia e Brasil**

Participação nas exportações e importações



**Galgando postos**

Importações por países - em US\$ bilhões

Posição	País	De Jan-Abr/2021	De Jan-Abr/2022
1º	China	13,9	18,7
2º	Estados Unidos	10,7	15,8
3º	Argentina	3,5	3,6
4º	Alemanha	3,5	3,6
5º	Coreia do Sul	1,9	2,4
6º	México	1,5	2,1
7º	Japão	1,9	2,1
8º	Índia	1,9	2,1
9º	Itália	1,8	1,8
10º	França	1,4	1,7
11º	Chile	1,3	1,6
12º	Rússia	1,3	1,5
13º	Paraguai	1,1	1,4
14º	Espanha	0,9	1,2
15º	Taiwan (Formosa)	0,8	1,1

US\$ 2,4 bilhões foi o total de importação de produtos russos de janeiro a abril de 2022

US\$ 742 milhões foi a exportação total brasileira aos russos de janeiro a abril de 2022

89% foi o aumento em relação a iguais meses de 2021

81,3% foi o aumento em relação a igual período do ano passado

US\$ 313 bilhões foi a corrente de comércio com os russos de janeiro a abril de 2022

US\$ 1,64 bilhão foi o déficit comercial do Brasil com os russos

tes quanto em petróleo enquanto a guerra perdurar. É como resultado de fatores conjunturais que a maior importância da Rússia como fornecedor brasileiro deve ser considerada, ressalta. Trata-se de uma situação que não deve permanecer, diz.

Para Silveira, é possível que em maio a importação de fertilizantes, inclusive da Rússia, siga alta. Para ele, porém, a demanda não se manterá nesse nível, em razão de os preços estarem muito altos, com impacto muito grande no custo do produtor. Caso a conta mostre que o preço do produto agrícola não comportará o repasse do custo, a compra de fertilizantes e demais insumos será reduzida, avalia o economista. Produtores irão, ao menos em parte, optar por usar solos já fertilizados de safras anteriores, o que deve trazer queda de produtividade, diz.

Enquanto os adubos e fertilizantes predominam na cesta do que o Brasil compra dos russos, são os produtos agropecuários que se sobressaem nas exportações brasileiras ao país de Putin. Do que vendemos à Rússia, a soja tem fatia de 32%, seguida por açúcares e melaios, com 20%. O café é o terceiro item, com 7,6%. Destacam-se também 5,2% em carne bovina e 4,1% em frango, sempre considerando janeiro a abril deste ano.

A venda de produtos brasileiros à Rússia somou US\$ 741,5 milhões no primeiro quadrimestre deste ano, com alta também representativa, de 81,3%, contra igual período de 2021. Como o valor total do que vendemos a eles foi menor do que o das importações, o Brasil teve déficit comercial com os russos de US\$ 1,64 bilhão de janeiro a abril.

Castro destaca que num ambiente de alta de preços global e

com cadeias de produção ainda desajustadas, os importadores "compram o que aparece", aproveitando oportunidades, inclusive com novos fornecedores, por questões como disponibilidade ou proximidade geográfica.

De janeiro a abril, segundo dados da Secex, o Brasil importou do Congo e da Guiana, somados, US\$ 325,6 milhões em petróleo bruto. É pouco se comparado ao US\$ 1,12 bilhão comprado da Arábia Saudita ou dos US\$ 842,6 milhões dos EUA. Congo e Guiana, são, porém, dois novos países aparecendo no mapa de fornecedores de petróleo bruto ao Brasil, também como resultado desse cenário que impactou as cadeias globais de produção e fornecimento. Para Castro, essas novas relações podem vir a prosperar no futuro, mas são também, por enquanto resultado da conjuntura atual.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

**Seção:** Brasil **Caderno:** A **Página:** 4